

DO CORPO NA ARTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO EM TRANSPSICOMOTRICIDADE

Ana Lucia Silva, lucinhacarpediem@yahoo.com.br,
Eduardo Costa, transpsicomotricidade@gmail.com
Fabienne Bruce, fabienne_bruce@yahoo.com.br

Eixo temático: 4. Construção de saberes e práticas a partir de metodologias transdisciplinares.

Resumo: Poder viver o próprio corpo é uma arte que nos é retirada desde a mais tenra idade, salvo raras exceções. Assim, vamos incorporando proibições e acreditamos que essas ações encouraçadas são as nossas mais essenciais escolhas. Vivemos o erro e a ilusão para poder caber no mundo e nos espaços que são disponibilizados para os nossos corpos. Acreditamos que durante as vivências corporais em TransPsicomotricidade podemos experimentar a potencialização de liberdade desse corpo, como um despertar. Este trabalho pretende apresentar e refletir sobre dois recortes dos processos do fazer artístico depois do corpo sensibilizado pelas vivências psicomotoras na formação em TransPsicomotricidade e as falas que se seguiram através dos entrelaçamentos do inconsciente da arte enquanto expressão transbordante de afetos.

Palavras-chave: Corpo. Arte. Complexidade. TransPsicomotricidade. Educação.

A TransPsicomotricidade Educacional e Clínica surge da necessidade de religar os saberes e promover a reforma do pensamento a partir da prática psicomotora, levando para a Educação e a Clínica estratégias mais abrangentes. Quando criada, a Psicomotricidade pretendia atender crianças marcadas pelas dificuldades neuromotoras e sua base era essencialmente instrumental. Com a experiência na prática, a psicanálise foi absorvida e algumas linhas de atuação passaram a ter como base a livre-expressão. Contudo, ainda faltava o olhar poliocular para o sujeito, complexificando seu corpo e seu lugar no mundo, entre, através e além da realidade.

Assim, com base no Congresso de Locarno e no Relatório Delors sobre a educação no século XXI, a formação em TransPsicomotricidade surge no ano de 2000, como possibilidade de garantia da “[...] competência do ser humano para o terceiro milênio, voltada para a verdade, criação e ação” (Lovisaro & Costa, 2013, p.30). Dessa maneira, sensibilizando o corpo para viver sua potência em plenitude a TransPsicomotricidade “se afina com as linhas libertárias e inclusivas em educação e com a humanização da saúde e se pretende transreligiosa e promotora de equidade social e de gênero, na contramão de fundamentalismos de qualquer tipo” (Costa, 2013:118).

Além de associar pensadores da Psicomotricidade, tais como Lapierre, Aucouturier, Desobeau, Vayer, Vecchiato, sempre buscando a proposta livre expressiva, toda base sustentadora das competências do transpsicomotricista dialoga com os sete

saberes necessários à educação do futuro, de Edgar Morin (2000), esse fato traz para o profissional da TransPsicomotricidade ferramentas de auxílio na transformação dos sujeitos que da prática se beneficiam, são eles: (a) O erro e a ilusão onde construímos que nossa verdade não é única e o outro sempre pode nos ensinar algo; (b) Princípios do conhecimento pertinente onde aprendemos que precisamos religar os conhecimentos de todos para compreender melhor o mundo; (c) Condição humana onde entendemos que todos somos diferentes ao mesmo tempo que somos iguais, somos bons e maus, carregamos a dualidade em nós e dependemos uns dos outros para viver; (d) Identidade terrena onde nos sentimos responsáveis por tudo que acontece em nosso planeta, fazemos parte da natureza e dependemos dela para existir; (e) Enfrentar as incertezas onde aprendemos que não há certezas absolutas, tudo pode mudar, mas, ao mesmo tempo, podemos ter algumas certezas para enfrentar o incerto; (f) Ensinar à compreensão humana onde buscamos nos conhecer mais para respeitar e compreender os outros; (g) Ética do gênero humano onde respeitamos e valorizamos as diferenças como compromisso para uma vida livre e solidária.

Dentro do enquadre da proposta, normalmente, há o início do trabalho com as consignas de segurança, seguidas do aquecimento e da vivência corporal livre, pautada em um dos saberes. Ao final a relaxação e a verbalização dos pensamentos, sentimentos e emoções experimentados. Nossa intervenção buscou aprofundar, através da arte-educação, o espaço da vivência psicomotora, entre a relaxação e a verbalização, o momento de representação da experiência tendo como ponto de partida alguma proposta que permitisse o registro de alguma marca do inconsciente, e, que o formando pudesse se apropriar dessa marca, livre de estereótipos, para daí ressignificar sua história.

Com isso o encontro com os afetos, gerador de vazios e ecos, encontra uma ressonância espiritual, Kandinsky (1996) traz essa ideia de contato com a alma humana como única garantidora de profundidade cósmica. Morin (2007), corrobora afirmando que “a dor do artista nutre a beleza das obras que resplandecerá nos ouvintes, nos leitores ou nos espectadores” (p.146).

Assim, a Arte como uma linguagem, forma de expressão, comunicação dos sentidos e significados vai costurando as ideias para construirmos nossos convites de acordo com o saber escolhido para cada vivência. Aos poucos vamos conhecendo os integrantes do grupo, fator também relevante para nos ajudar a pensar o material, a consigna e o encaminhamento para cada encontro. Daí vamos reorganizando as propostas a partir das devoluções que recebemos do grupo, sempre refinando nosso olhar e

pensando nas singularidades, ou seja, na parte e no todo. Dessa maneira a arte vai despertando a consciência, a capacidade expressiva e criativa, dando sentido aos pensamentos, ações e emoções, Tudo isso envolve a relação entre o eu e o outro, o lugar da arte na vida e a vida na arte. Rodrigues (2011) ainda afirma:

A arte é portanto, uma alternativa para se lidar com a imprevisibilidade de olhares, sensações, sentimentos e opiniões. Ela é o que não se objetiva primordialmente, mas se sujeita às diferentes leituras que um indivíduo é capaz de fazer dela. Seja esse indivíduo aquele que a produz ou a contempla. (p. 166)

Levar os formandos a resgatarem o artista que são e podem ser, foi uma das nossas metas. Afinal, não podemos levar o outro onde não acreditamos que possamos ir, somente na certeza do possível que conseguimos ousar. Afinal, todo homem é potencialmente criador, basta desenvolver a criatividade e acreditar no ato de criação, transformação. Por isso, toda manifestação artística recebe influências à experiência humana e social de seu tempo, representando suas aspirações e necessidades.

2. Metodologia

O momento da representação ajuda a organizar o pensamento. É possível fazer uma ligação do corpo vivido ao psiquismo. As emoções, sentimentos, sensações, pensamentos estão sensibilizados pelos encontros dos corpos. O inconsciente revela o que está mais profundo, o que a palavra não consegue dar conta naquele momento. Nesse contato com a arte, é possível transpor o que o coração está sentindo. A apropriação simbólica vai dando novos significados através da produção, daí fica mais fácil se apropriar da fala para expressar o que foi mais significativo.

Dessa maneira, fomos construindo conceitos que nos levavam a pensar técnicas que seriam pertinentes para a aplicação no grupo. Nesse relato, vamos abordar um momento de fala individual e outro em grupo onde é possível demonstrar a força geradora da arte no momento da representação enquanto expressão do inconsciente e suas marcas culturais que delimitam as escolhas sem ao menos termos a certeza do que escolhemos e por qual motivos escolhermos determinados lugares e caminhos que seguimos.

Esse trabalho acontece na formação desde a turma de 2014, onde realizamos intervenções e vamos organizando as histórias juntamente com as imagens construídas. A partir das falas recolhidas dos formandos durante a verbalização do que vivenciaram e do que produziram, vamos apresentar e refletir sobre dois excertos de vivências ocorridas

na turma 2015 da formação, um momento de feitura individual e outro em grupo de convívio, a fim de demonstrar a importância da arte enquanto recurso auxiliador da ampliação e elaboração do vivido na livre-expressão corporal.

Tal análise, nos leva a perceber a potência e abrangência da aliança entre a Arte-Educação e as premissas TransPsicomotoras, demonstrando alguns dos desfechos possíveis. Lygia Clark, artista brasileira, já apontava o caminho de uma arte viva, onde pudessemos criar “objetos vivos, nos quais se pudesse entrever as forças, a processualidade incessante, a potência vital que a tudo agita” (Rolnik, 1999, p.2). A artista ainda fortaleceu seu olhar para a importância de um corpo vibrátil onde através dessa mobilização se pudesse realizar interpretações fantasmáticas, em resumo, ela apontava para o caminho de se viver a arte ao invés de fazê-la. Acreditamos que esses relatos irão trazer essa potência do viver a arte.

3. Das verbalizações e seus sentidos.

A cor, carregada de sentidos e símbolos para além do que a consciência pode revelar, pode fazer com que o formando se depare com seus fantasmas mais profundos, Kandinsky (1996) ressalta essa importância, “a ressonância espiritual, a ação direta da cor sobre a alma: a cor é a tecla, o olho é o martelo, a alma o piano de inúmeras cordas” (p.12). Em contato com o viver artístico, muitas vezes a escolha de uma cor pode levar o sujeito a experienciar seu mais profundo e obscuro lado, afinal tentamos promover uma atmosfera onde o formando possa “receber em bruto as percepções, vivê-las, elaborar-se através dos processos, regredindo e crescendo para fora, para o mundo”. (Rolnik, 1999, p.6).

Nos excertos das verbalizações abaixo, percebemos uma preferência pela cor preta, mas ao utilizá-la intensamente a angústia apresenta-se como pano de fundo dos afetos sentidos.

“Sempre gostei muito de preto, vestia muito preto. Na hora de pintar escolhi o preto para pintar a folha, então não tinha cores em baixo, como eu iria desenhar? Tirar o preto e mostrar uma cor que não existia! Tem muita coisa que eu não conheço. Fiquei sem saber o que fazer. Aí veio uma salvadora e abriu uma janela. Lembrei da minha família, meu marido e meus três filhos. De toda escuridão, história contada e não contada, ainda consegui construir uma família. Esse pedaço que saiu, eu não quero. Tenho muito medo do que ainda posso descobrir” (formanda A).

“Fui misturando as cores, experimentando como uma criança. Pensei muito na minha filha, nos alunos. O preto me deu uma tristeza profunda. Por mais que colocasse a tinta, sempre havia uma brechinha. Me segurava nelas. Lembrei de

um filme que tem sete episódios – O 1º Casamento da Raposa. Representei a minha filha, lembrei de quando ela desenhava. Desde que ouvi ela dizer: Eu te amo tanto! Isso foi definindo o caminho.” (Formanda B)

A proposta de arte nesse dia foi de pintar a folha com cores e formas que desejassem com giz de cera, foram disponibilizadas diversas cores. Em seguida, pedimos para que cobrissem todo o papel com tinta guache preta. Após a tinta seca, o convite foi que pudessem descobrir as cores que surgiam da “sombra” raspando, com um palito, a tinta que se descolava do giz.

Na construção da formanda A, por ter escolhido a cor preta duas vezes, não havia cor para surgir na sombra. Foi um momento intenso de descoberta. Sua história foi marcada por sombras tão profundas que ela não podia encontrar cores, já que sua “escolha” foi não revisitar seu passado a fim de clarificar sua história não contada pela sua família, a formanda foi adotada muito cedo, provavelmente após a morte de sua mãe no parto e da rejeição de seu pai. Falamos ‘provavelmente’ por nem mesmo ela saber da histórias de fato, todas as informações que ela traz são cheias de dúvidas e profunda dor. Ela conta esses relatos de conversas que ouviu, mas que nunca contaram para ela diretamente como verdade, apenas o que chegava na incerteza de onde e como estava ali. Morin (2003) afirma “nenhum dispositivo cerebral permite distinguir a alucinação da percepção, o sonho da vigília, o imaginário do real, o subjetivo do objetivo” (p.21), vivemos o erro e a ilusão de que nossas preferências são escolhas conscientes e levamos isso como verdade. Diante de sua escolha em deixar tudo preto, a formanda viveu o desespero por não poder enxergar suas raízes psíquicas, representadas pelas cores que surgiriam. Diante de tanta sombra, tentamos ajudá-la abrindo uma ‘janela’ no papel todo tomado pelo preto para que pudesse incluir parte de sua história de luz, já que tinha pintado o fundo de preto e o guache preto estava todo por cima sem haver contraste possível. Pedimos que ela desenhasse uma forma no papel, retiramos essa parte com um estilete e colamos um papel branco na parte de trás abrindo um vazio, nesse espaço ela pode criar o que precisava para fortalecer sua própria história, ressensibilizando sua subjetividade. Assim, “a verdadeira racionalidade, aberta por natureza, dialoga com o real que lhe resiste. [...] é o fruto do debate argumentado das ideias, e não a propriedade de um sistema de ideias” (Morin, 2003, p.23). Pensamos que depois dessa experiência da janela, que ajudamos a formanda (A) abrir a partir de seu movimento e encontro com seu lado obscuro, ela pode desconstruir certezas que a impediam de fluir. E que também pudesse descortinar sua capacidade de vida e de reinvenção de sua história.

Nesse mesmo dia, tivemos a fala de uma outra formanda (B) que também trouxe a cor preta como símbolo ressonante do inconsciente. O preto foi um momento de encontro com angústia e tristeza, mas as cores que havia embaixo puderam fazê-la seguir ressignificando, com menos intensidade, mas refletindo sobre seu lado sombra.

A escolha pelos caminhos que percorremos traz marcas paradigmáticas de nossa cultura, mas acreditamos que a tomada de consciência possa trazer luz sobre nossas escolhas e modelagens, “o imprinting cultural marca os humanos desde o nascimento, primeiro com o selo da cultura familiar, da escola em seguida, depois prossegue na universidade ou na vida profissional” (Morin, 2003, p.28). As ideias que permeiam nosso pensamento podem ser revistas a partir de novas ideias, contudo, é preciso estar aberto aos afetos que chegam. Nesse sentido o corpo sensibilizado e aberto para viver a ação, a intersubjetividade e a simbologia da cor é gerador de novas ideias, possibilidades e garante, assim, a reforma do pensamento podendo detectar a incoerência em si mesmo.

Nesse sentido religar as escolhas ao plano multidimensional do ser, aceitando que nos constituímos como seres humanos ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo e racional, faz com que a complexidade possa ser aceita e o conhecimento tecido junto, não reduzindo a escolha de uma cor apenas a uma preferência, mas a algo maior. Kandinsky (1996), ressalta ainda que “quanto mais cultivado é o espírito sobre o qual ela exerce, mais profunda é a emoção que essa ação elementar provoca na alma. Ela é reforçada por uma ação psíquica. A cor provoca, portanto, uma vibração psíquica. E seu efeito físico superficial é apenas, em suma, o caminho que lhe serve para atingir a alma” (p.66).

Nessa potência onde o corpo vibra para encontrar seu espaço criador, também realizamos trabalhos em grupo de convívio, onde o viver junto aceitando as diferenças em uma perspectiva ética faz os formandos perceberem a importância de compartilhar na construção da dialógica onde consenso e conflito fazem parte enquanto processos de ampliação e retrocesso. Morin (2003) ressalta que a antropoética é “consciência individual além da individualidade” (p.106), é preciso que o individual consiga ir para além dele e acolha a individualidade do outro enquanto produtora de sentido que pode fazer com que haja a revisão dos sentidos.

Em outro momento da formação, após viverem o corpo com bexigas, convidamos os formandos a se dividirem em grupo e construir uma escultura com as bolas, após a construção disponibilizamos tintas de diversas cores aguadas para que pudessem realizar intervenções na escultura. Nas falas sobre o vivido em grupo, podemos perceber como o

compartilhar de tintas e formas que ela pode produzir por ser aguada, traz a tona a abertura de olhar para um desenvolvimento da ética solidária e compreensiva:

Grupo 1: “Simbolizamos a individualidade de cada um, dentro e fora. Utilizando também o jornal plantamos uma flor. A tinta não ficava como a gente queria, tomava outro percurso. Como foi bom o toque diferenciado! O gênero. Por mais que a gente quisesse definir não conseguia. Como homem ficava preocupado em relação as mulheres, quanto ao toque.”

Grupo 2: “A produção inicial não deu certo, mas acabou representando o grupo. No início começamos a fazer desenho e a bola não deixava, tinta muito líquida. Quando estávamos em grupo, só falávamos das sensações e não das construções. Que interessante interferir no trabalho do outro! Fiquei incomodada. Ah, vai sujar o rosto que eu fiz, mas tudo bem, vai ficar o cabelo. Desprendimento. Sobre o toque, alguns se incomodaram. Será que todo mundo gosta?”

Grupo 3: “Construção energética, todos iniciaram sem intenção de formar alguma coisa e houve muito respeito. Vinha a singularidade. Sem falar nenhuma palavra, formamos teia, coração, um elo e uma borboleta, sem pensar formar. Tentamos abrir um arco íris, mas veio uma colega e colocou um monte de tinta. Começava, ampliava, percorria vários caminhos e se formavam. Em baixo se uniam. A construção é linda, mas o processo é o processo. Não falar incomoda, mas o olhar fala. Realizamos o movimento do grupo e respeitamos a outra pessoa que veio e mudou tudo. Conversamos sobre aceitar a interferência. Ficamos pensando: O que os formadores querem com isso? De repente não é pra saber... Qual o objetivo?”

Nesse outro excerto podemos perceber a força de pertencimento nas diferenças, onde viver o possível das relações traz a certeza da não certeza absoluta, já que “cada mente é dotada também de potencial de mentira para si próprio” (Morin, 2003, p.21), nessa abertura para as diferenças é possível perceber que a intervenção do outro contribui com riqueza ao grupo e pode fazer cada participante se encantar pelo inesperado. Estar aberto para o encontro na entrega efetiva, com o mínimo possível de bloqueios corporais, fez com que o compartilhar pudesse encontrar um sentido maior e que a proposta artística e compartilhada ganhasse a força do uno e do múltiplo, afinal “nossa realidade não é outra senão nossa ideia da realidade” (Morin, 2003, p.85), poder viver a crença do outro, pode fazer com que haja abertura para a renovação.

4. Considerações finais

Apresentamos dois recortes de momentos que consideramos importantes para demonstrar que a arte foi a geradora da força potencial para o encontro com o próprio eu, individualmente e em grupo. Nessa pequena amostra do vivido é possível perceber que a arte, por trazer em sua essência a marca democrática da expressividade, lugar onde não

há certo ou errado, mas a representação dos afetos singulares que ocorrem no movimento do encontro, nesse espaço sensível, como Morin (2003) nomeia como “brecha do incontrolável”, principalmente nesse momento, é que podemos realizar em profundidade a reforma do pensamento já que “a sensibilidade é o principal veículo capaz de ampliar o olhar e as possibilidades dos indivíduos perante a vida” (Rodrigues, 2011, p. 90).

Quando falamos de arte aqui, vale ressaltar que o corpo, pulsante de vida e desejo, no encontro com o mundo e o outro, é o portador primeiro da potência de transformação, apresentando “estratégias para desentorpecer o corpo vibrátil do espectador para permitir que, liberto de sua prisão no visível, ele pudesse iniciar-se na experiência do vazio pleno e aceder ao plano da imanência do mundo em sua misteriosa germinação” (Rolnik, 1999, p. 12).

Estando a arte na base do pensamento complexo como fundante da cultura e das intersubjetividades, a parceria da arte-educação com a prática psicomotora livre-expressiva, proposta pela TransPsicomotricidade, amplia a eficácia e profundidade dos processos de sensibilização nas práticas realizadas tanto com os formandos como em suas aplicações nos vários campos de atuação do transpsicomotricista, do casal grávido ao idoso.

5. Referências

COSTA, Eduardo. A formação do Transpsicomotricista. In COSTA, Eduardo. LOVISARO, Martha. (orgs.). TransPsicomotricidade: psicomotricidade com base no pensamento complexo e transdisciplinar. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

COSTA, Eduardo e LOVISARO, Martha. Formação em TransPsicomotricidade Educacional e Clínica. In COSTA, Eduardo. LOVISARO, Martha. (orgs.). TransPsicomotricidade: psicomotricidade com base no pensamento complexo e transdisciplinar. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

MORIN, O método 2: a vida da vida. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Brasília, DF: Unesco, 2003.

KANDINSKY, Wassily. Do espiritual na arte. 3. ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2015.

RODRIGUES, Helio. vertigens do vazio. Rio de Janeiro: Livre expressão, 2011.

ROLNIK, Suely. *Molda-se uma alma contemporânea: o vazio-pleno em Lygia Clark*. In *the Experimental Exercise of Freedom: Lygia Clark, Gego, Mathias Goeritz, Hélio Oiticica and Mira Schendel*. The Museum of Contemporary Art, Los Angeles, 1999.